

## ***Para uma filosofia do ato responsável: considerações sobre singularidade, tom emotivo-volitivo e dever***

***Toward a philosophy of the act: considerations about singularity, emotive-volitive tone, and duty***

***Hacia una filosofía del acto ético: consideraciones sobre singularidad, tono afectivo-volitivo y deber***

Verônica Franciele Seidel<sup>1</sup>

 0000-0001-6643-2154

**RESUMO:** *Para uma filosofia do ato responsável* constitui uma obra extremamente densa quanto aos conceitos e às reflexões que propõe. Além disso, funciona como o esboço de um amplo projeto filosófico, antevendo os caminhos trilhados por Bakhtin e o Círculo em seus escritos ulteriores. Entendemos tratar-se, assim, de uma obra que apresenta um cunho marcadamente filosófico, o que pode exigir um esforço de leitura distinto do requerido pelas demais. Tendo isso em vista, acreditamos ser necessário empreender um percurso de leitura capaz de conceder uma visão holística acerca dessa obra, baseada, sobretudo, na análise de conceitos-chave que a integram – singularidade, dever e linguagem – e indicando alguns indícios da correlação com questões abordadas na produção posterior bakhtiniana, a exemplo das noções de enunciado, alteridade e dialogismo. Para isso, propomos uma leitura dessa produção inicial do Círculo, baseada tanto na própria obra bakhtiniana quanto nas proposições de alguns dos principais pensadores que discutiram tal produção, tais como: Sobral, Amorim e Bubnova. Em nossa perspectiva, *Para uma filosofia do ato responsável* instaura uma relação estreita entre singularidade, tom emotivo-volitivo e dever. Tais conceitos, acreditamos, continuam integrando as obras futuras de Bakhtin e do Círculo, ainda que sob outras denominações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Círculo de Bakhtin; *Para uma filosofia do ato responsável*; singularidade.

**ABSTRACT:** *Toward a philosophy of the act* constitutes an extremely dense work regarding the concepts and reflections it proposes. In addition, it functions as the outline of a broad philosophical project, foreseeing the paths trodden by Bakhtin and the Circle in their later writings. We understand that it is, therefore, a work that has a markedly philosophical character, which may require a different reading effort from the one required by others. Given this, we believe it is necessary to undertake a reading path capable of granting a holistic view of this work, based mainly on the analysis of key concepts that integrate it – singularity, duty, and language – and enunciating some indications of the correlation with issues addressed in

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora substituta no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS). E-mail: [veronicaseidel@gmail.com](mailto:veronicaseidel@gmail.com).

the later Bakhtinian production, such as the concepts of utterance, alterity, and dialogism. For this, we propose a reading of this initial production of the Circle, based both on the Bakhtinian work itself and on the propositions of some of the main thinkers who discussed that production, such as Sobral, Amorim, and Bubnova. In our perspective, *Toward a philosophy of the act* establishes a close relationship between singularity, emotive-volitive tone, and duty. Such concepts, we believe, continue to integrate the future works of Bakhtin and the Circle, even under other denominations.

**KEYWORDS:** Bakhtin Circle; *Toward a philosophy of the act*; singularity.

**RESUMEN:** *Hacia una filosofía del acto ético* constituye una obra sumamente densa en cuanto a los conceptos y reflexiones que propone. Además, funciona como el esbozo de un amplio proyecto filosófico, previendo los caminos recorridos por Bajtín y el Círculo en sus escritos posteriores. Entendemos que se trata, por tanto, de una obra que tiene un carácter marcadamente filosófico, que puede requerir un esfuerzo de lectura diferente al que requieren las demás. En este sentido, creemos necesario emprender un camino de lectura capaz de otorgar una visión holística de esta obra, a partir, sobre todo, del análisis de los conceptos claves que la integran – singularidad, deber y lenguaje – y señalar algunas indicaciones de la correlación con cuestiones abordadas en la producción bakhtiniana posterior, como las nociones de enunciación, alteridad y dialogismo. Para ello, proponemos una lectura de esta producción inicial de Círculo, basada tanto en la obra del propio Bajtín como en las proposiciones de algunos de los principales pensadores que discutieron dicha producción, como Sobral, Amorim y Bubnova. En nuestra perspectiva, *Hacia una filosofía del acto ético* establece una estrecha relación entre singularidad, tono afectivo-volitivo y deber. Tales conceptos, creemos, continúan integrando los trabajos futuros de Bajtín y el Círculo, incluso bajo otras denominaciones.

**PALABRAS CLAVE:** Círculo de Bajtín; *Hacia una filosofía del acto ético*; unicidad.

## Introdução

Publicada incompleta, uma vez que estão ausentes as oito primeiras páginas, e com título atribuído pelos editores, *Para uma filosofia do ato responsável* constitui uma obra extremamente densa quanto aos conceitos e às reflexões que propõe. Na perspectiva de Brait (2009, p. 27-28), é

[...] certamente o texto mais difícil do conjunto, não apenas por não ter sido finalizado pelo autor, mas justamente por trazer as bases filosóficas do pensamento bakhtiniano. Lá estão as noções de evento, de ato, de acontecimento, aspectos que sem dúvida podem ser reconhecidos pelos que leram as obras posteriores e que, talvez por isso, podem compreender de onde partem as idéias, qual é o núcleo gerador do conjunto que identificamos como “pensamento bakhtiniano”.

Ao encontro disso, Fiorin (2011, p. 207) afirma que tal texto “[...] é um esboço

de um vasto projeto filosófico e, de certa forma, explica os caminhos trilhados por Bakhtin ao longo de sua obra”. Entendemos tratar-se, assim, de uma obra que – diferentemente das posteriores, marcadas por análises e reflexões voltadas, sobretudo, a questões culturais, linguísticas e literárias – apresenta um cunho marcadamente filosófico, o que, por si só, pode exigir um esforço de leitura distinto do requerido pelas demais.

Além disso, uma característica da forma de organização das proposições nela contidas pode contribuir para requerer um movimento de interpretação próprio:

Parece que Bakhtin está sempre dizendo a mesma coisa com palavras ligeiramente diferentes. Essa impressão é e não é verdadeira. Ele avança por repetições, isto é, voltando sempre ao cerne do raciocínio e à tese central. Mas, a cada retomada, é como se esse cerne se ampliasse, ganhasse novas conseqüências, abrangesse novas esferas e, assim, ampliasse sua significação. Cabe lembrar de que se trata de um manuscrito e que, antes de mais nada, Bakhtin escrevia para ele mesmo. Podemos imaginar que se trata de uma escrita construtora do próprio pensar em que, a cada passo, o autor descobre junto com o eventual leitor aonde quer chegar ou aonde pode chegar seu pensamento. A repetição da tese central permite também testá-la nos diferentes pontos do percurso. Esse estilo exige do leitor uma atenção redobrada, pois, ao reconhecer aquilo que já foi dito, tende-se a deixar passar o elemento novo e a perder-se assim uma importante ressonância do texto. Porque é assim que o avanço de seu pensamento se faz: por novas ressonâncias de uma mesma ideia (Amorim, 2009, p. 21).

Tendo isso em vista, acreditamos ser necessário empreender um percurso de leitura capaz de conceder uma visão holística acerca dessa obra, indicando alguns indícios da correlação com questões abordadas na produção posterior de Bakhtin e do Círculo. Para isso, propomos uma apresentação desse escrito inicial, baseada tanto na própria obra bakhtiniana quanto nas proposições de alguns dos principais pensadores que se dedicaram a discutir tal obra, como Sobral, Amorim e Bubnova.

## **Uma proposta de leitura da obra primeira de Bakhtin**

Em *Para uma filosofia do ato responsável*, ao tratar do estudo do ato responsável, Bakhtin (2010a) afirma que é possível considerar apenas o conteúdo desse ato, isto é, o juízo de validade universal a respeito desse ato, sem levar em

conta seu aspecto histórico-individual – o autor, o tempo, as circunstâncias e a unidade moral de quem age – ou, ainda, levar em consideração apenas o ato como momento irrepitível, na historicidade concreta de sua realização e de seu acontecimento. Entretanto, para o estudioso russo, somente a junção dessas duas percepções possibilitaria compreender a valoração desse ato e, por conseguinte, o dever de realizá-lo ou não.

Dessa maneira, a validade teórica de um juízo não é suficiente para que ele seja imperativo do pensamento. Assim, por mais que um juízo seja verdadeiro e válido teoricamente, isso não significa que ele determinará, por si só, o dever de alguém em relação a qualquer instância possível (Bakhtin, 2010a). Ao propor tal formulação, percebemos um diálogo direto com Immanuel Kant (Sobral, 2008a), para quem há princípios morais universais que guiam o agir – cerne da noção kantiana denominada *imperativo categórico* (Kant, 2021).

Nessa perspectiva, Bakhtin (2010a, p. 46) menciona que:

Afirmar o juízo como verdadeiro é relacioná-lo a uma certa unidade teórica, unidade que não é, de modo algum, a unidade histórica singular de minha vida. [...] De fato, o dever se revela apenas na correlação da verdade (válida em si mesma) com a ação cognitiva real de cada um de nós, e tal momento de correlação é historicamente um momento único, é sempre um ato individual, que não afeta em nada a validade teórica objetiva do juízo – é um ato que é avaliável e imputável no contexto da vida real única de um sujeito. Para o dever não é suficiente apenas a veracidade, é necessário o ato de resposta do sujeito, que provém do seu interior, a ação de reconhecimento da veracidade do dever.

O autor explicita também que, enquanto a validade advém do interior de um domínio, como o científico, por exemplo, o dever origina-se na unidade da vida dos sujeitos. Por isso, “Não existem normas morais determinadas e válidas em si” (Bakhtin, 2010a, p. 48): o dever é instaurado durante o agir-ato dos seres, constituindo, por conseguinte, um evento irrepitível, já que tanto o ser quanto o contexto em que se situa são únicos. Trata-se, tal como entende Bubnova (2013), de uma espécie de impulso que, mediante cada ato concreto, vincula o sujeito ao mundo e, acima de tudo, à sua relação com o outro.

Esse entendimento origina em Bakhtin (2010a, p. 58) o objetivo de “[...] reconduzir a teoria em direção não a construções teóricas e à vida pensada por meio

destas, mas ao existir como evento moral”, já que as proposições da filosofia moderna não eram capazes de “[...] determinar o ato e o mundo no qual este ato real e responsabilmente se realiza uma e somente uma vez” (BAKHTIN, 2010a, p. 67). É justamente um esboço dessa recondução que o autor propõe em seu projeto-guia, intitulado *Para uma filosofia do ato responsável*.

Na perspectiva bakhtiniana, o dever é uma categoria do ato individual, da singularidade do ato para quem o executa e de seu caráter histórico. Assim, no ato, ocorre a transformação de uma possibilidade na singularidade da escolha do sujeito, tratando-se, portanto, da assunção de uma verdade: é nesse momento que o sujeito aceita para si, tomando como verdadeiro, algum princípio, que se torna para ele um dever. Conforme afirma Sobral (2009), no empreendimento bakhtiniano, os princípios morais gerais no ato adquirem um sentido contextual específico centrado nos sujeitos aí envolvidos. Bakhtin (2010a, p. 83, grifo nosso) afirma, então:

Tenho para mim que a linguagem seja muito mais adaptada para exprimir exatamente esta verdade do que para relevar o aspecto lógico abstrato na sua pureza. Na sua pureza, o que é abstrato, é verdadeiramente inefável: cada expressão é muito concreta para o sentido puro, e deforma e ofusca sua validade e a pureza do sentido em si. Por isto no pensamento abstrato não pegamos nunca uma expressão em toda a sua completude.

A partir dessa asserção, podemos entrever a associação da linguagem com aquilo que é concreto, ou seja, que é realizado por um ser único em determinado tempo-espaco também singular. A linguagem, já nessa circunstância inaugural, figura, no pensamento bakhtiniano, como próxima da concretude da vida e distante da abstração teórica. Na produção posterior de Bakhtin e do Círculo, a exemplo das obras de Volóchinov (2017, 2019), percebemos que essa concepção ganha uma força cada vez maior, a tal ponto que vida e linguagem, nas palavras do próprio Bakhtin (2010b, p. 348), integram uma à outra: “A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc.”.

Entretanto, em seu projeto-guia, ainda que Bakhtin já aponte tal conexão entre o ato como integrante do existir-evento e a linguagem, afirmando que esta

pode ser responsabilmente significativa, ele sinaliza a dificuldade de uma total adequação da linguagem para expressar esse ato: “Não é necessário, obviamente, supervalorizar o poder da linguagem: o existir-evento irrepitível e singular do ato de que participa são, fundamentalmente, exprimíveis, mas de fato se trata de uma tarefa muito difícil, e uma plena adequação está fora do alcance” (Bakhtin, 2010a, p. 84). Nesse momento, podemos notar que a linguagem participa do ato responsável, pois constitui uma forma de apreensão do mundo e, igualmente, de expressão dessa apreensão – trata-se de uma formulação sobre a potência de dizer da linguagem e sobre a limitação desta em expressar o ato (Amorim, 2009), ainda que, conforme bem observa Faraco (2010), em *Para uma filosofia do ato responsável*, a linguagem ocupe um lugar pequeno, lugar esse que será expandido na produção futura de Bakhtin e do Círculo.

A linguagem, nessa obra primeira, aparece como detentora de um tom emotivo-volitivo, isto é, de uma entonação que expressa uma valoração sobre aquilo com que interagimos no mundo (sejam nossos interlocutores, outros seres vivos ou objetos do universo material), de forma que essa interação, ao mesmo tempo em que faz referência a algo, expressa a seu respeito uma atitude avaliativa. Lembramos que a linguagem de que trata o autor é a que ele denomina *palavra viva* – a palavra que está em uso efetivamente pelo falante, também nomeada *signo ideológico* (Volóchinov, 2017) – e não a palavra que está no dicionário, também denominada *signo linguístico*, que contém o sentido possível do termo, sendo indiferente ao seu valor real e afirmado pelo sujeito (Bakhtin, 2016).

O pensador russo menciona, também, que algo só pode ser experimentado de forma verdadeira e ativa em tom emotivo-volitivo, isto é, em ligação essencial com a valoração efetiva. Nesse experimentar, a verdade em si, aquela teoricamente válida, deve tornar-se verdade para o ser, sendo isso que determina e ocasiona o dever: “Toda consciência viva encontra os valores culturais como já dados a ela, e toda a sua atividade se resume a reconhecer a sua validade para si” (Bakhtin, 2010a, p. 89). Tal asserção, em nosso entendimento, pode ser correlacionada a uma formulação realizada posteriormente pelo Círculo – a noção de que o signo ideológico, quando chega a nós, já possui um sentido, um valor histórico

determinado pelos usos feitos dele até então (Volóchinov, 2019). Todavia, cabe a nós instaurarmos o valor que esse signo assumirá ao ser enunciado no momento singular em que nos encontramos, e esse valor depende justamente daquilo que reconhecemos como verdade.

O tom emotivo-volitivo consiste, assim, em uma espécie de orientação imperativa da consciência, constituindo, como menciona Amorim (2009, p. 36), uma “[...] marca de valor que se contrapõe a outros valores que se afirmam em um dado contexto”. Esse tom – ou seja, a maneira como avaliamos e valoramos aquilo ao nosso redor – pode ser entendido, na perspectiva dialógica da linguagem, como uma disposição ativamente responsável em relação ao contexto da vida real, unitária e singular do ser, penetrando em tudo o que é realmente vivido e buscando expressar a verdade do momento (Bakhtin, 2010a). Trata-se, portanto, de uma singularidade que integra uma totalidade completamente irrepitível, e é o reconhecimento dessa singularidade pelo ser que origina nele uma consciência responsável:

Na base da unidade de uma consciência responsável não existe um princípio como ponto de partida, senão o fato do reconhecimento real da minha própria participação no existir como evento singular [...]; aqui está a origem do ato e de todas as categorias do dever concreto, singular e irrevogável [...] *tenho a obrigação de dizer esta palavra*, e eu também sou participante no existir de modo singular e irrepitível, e eu ocupo no existir singular um lugar único, irrepitível, insubstituível e impenetrável da parte de um outro. Neste preciso ponto singular no qual agora me encontro, nenhuma outra pessoa jamais esteve no tempo singular e no espaço singular de um existir único. E é ao redor deste ponto singular que se dispõe todo o existir singular de modo singular e irrepitível. Tudo o que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por ninguém mais, nunca. A singularidade do existir presente é irrevogavelmente obrigatória (Bakhtin, 2010a, p. 96, grifo nosso).

A partir dessa assertiva, compreendemos que o não álibi no existir – ou seja, a impossibilidade de não agir a partir do lugar único que ocupa cada sujeito – está na base do dever concreto, já que o reconhecimento da participação do ser no existir constitui o alicerce real e efetivo da vida e do ato do ser. O dever e a impossibilidade de não ser (isto é, de não existir) são dados, tal como explicita Amorim (2009), pela posição que o sujeito ocupa em determinado contexto da vida real e concreta, já que não possui justificativa para não fazer aquilo cujas condições de possibilidade advêm

de sua singularidade. O não álibi é, conseqüentemente, conforme expressa o próprio Bakhtin (2010a, p. 99, grifo nosso), o “[...] fundamento da vida como ato, porque *ser realmente na vida significa agir*”. E aqui está o cerne daquilo que tal afirmativa nos permite defender: a ideia de que viver é agir e de que, como a linguagem permeia todos os atos do ser humano (Bakhtin, 2016), é por seu intermédio que aceitamos certo valor como verdadeiro, assumindo-o e efetuando nosso dever, isto é, agindo como seres eticamente responsáveis.

O Círculo e Bakhtin entendem, nessa perspectiva, que é via linguagem que temos acesso ao mundo (Bakhtin, 2016; Volóchinov, 2019) e que por meio dela somos falados: nossa primeira imagem sobre nós mesmos, inclusive, advém da fala de nossos pais, definindo-nos e falando por nós. Essas palavras ouvidas, como menciona Bubnova (2013, p. 15, grifo do autor), “[...] são as primeiras *valorações* que recebemos”. A partir disso, aprendemos a nos comunicar com os outros pela linguagem, adquirindo, juntamente com as palavras, uma série de valores sobre o mundo.

Não é possível, desse ponto de vista, acessar o mundo diretamente, observando seus elementos como uma concretude isenta de valorações. Faz-se necessário, assim, um ato de resposta do sujeito em relação àquilo com que se depara, isto é, uma percepção e ação imbuída de um tom emotivo-volitivo, resposta essa sempre mediada pela linguagem. Isso significa que viver inevitavelmente está associado a uma resposta (Faraco, 2010), a uma posição ativa, e tal concepção pode ser relacionada com um conceito que o Círculo formulará mais tarde: o de enunciado.

Para a teoria dialógica da linguagem, o enunciado é percebido como a unidade real da comunicação, já que a língua é aprendida por meio de enunciados concretos proferidos por aqueles que nos rodeiam em situações reais de comunicação, de modo que a “[...] experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros” (Bakhtin, 2016, p. 54). Alguém, ao construir seu enunciado, invariavelmente evoca parte de tudo aquilo que já foi dito sobre o objeto em questão e de tudo aquilo que ainda será dito, estabelecendo, desse modo, uma

relação de diálogo com outros enunciados anteriores e suscitando em seu interlocutor, aquele a quem o enunciado se destina, uma resposta, ou seja, uma posição ativa frente àquilo que foi dito (Bakhtin, 2016). Assim sendo, um enunciado, além de suscitar uma resposta, é ele mesmo uma resposta a outros enunciados precedentes (Delanoy; Gonçalves; Barbosa, 2016), constituindo uma espécie de elo entre os diferentes discursos.

Cada enunciado é definido, desse modo, pela alternância dos falantes; por sua conclusibilidade específica, que consiste na possibilidade de ser respondido; e pela relação valorativa do falante com o conteúdo do enunciado. Desse modo, o interlocutor, quando compreende o que o locutor diz, ocupa uma posição responsiva: concorda, discorda, nega, argumenta, desconfia e assim por diante. E essa posição responsiva pode se concretizar das mais diversas maneiras, por meio de uma resposta verbal ou silenciosa, que pode ocorrer tanto naquele momento quanto em uma ocasião posterior (Bakhtin, 2016). Independentemente da forma como acontece, essa resposta constitui o instante preciso em que o ser assume para si certa verdade, seja concordando ou discordando do que foi posto, e enuncia com um tom emotivo-volitivo algo acerca do que está sendo a ele apresentado, o que implica inevitavelmente valorar e, portanto, agir no mundo a partir de determinado ponto de vista.

As inúmeras possibilidades existentes de valoração podem tornar-se realidade somente no ato fundado sobre o reconhecimento da participação singular do ser. Podemos afirmar, então, que a passagem de uma potencialidade a uma realidade singular ocorre por meio da linguagem, no momento que o ser assume certa atitude emotivo-volitiva:

O aspecto abstrato do sentido, sem correspondência com a real-inelutável singularidade, tem o mesmo valor de um projeto; é uma espécie de rascunho de uma realização possível [...]. O existir, isolado do centro emotivo-volitivo único da responsabilidade, é somente um esboço ou um rascunho, uma variante possível, não reconhecida do existir singular (Bakhtin, 2010a, p. 101).

Nesse sentido, o autor defende em seu projeto-guia que o objeto da filosofia moral consiste precisamente no mundo em que o ato se orienta, isto é, no mundo

em que o ser concretiza sua participação singular no existir, afirmando, ainda, que é essa arquitetônica real do mundo vivido do ato que a filosofia moral deve descrever. Esse mundo do ato, dessa perspectiva, tem como momentos fundamentais o *eu-para-mim*, o *outro-para-mim* e o *eu-para-o-outro*, sendo justamente ao redor desses pontos arquitetônicos fundamentais do ato que os valores da vida real (assumidos pelo ser) e da cultura (válidos enquanto construção teórica) se dispõem (Bakhtin, 2010a). Isso significa que,

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, e sua expressão –, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele (Bakhtin, 2010c, p. 21).

Nessa configuração, o ser é concebido como integrante de uma arquitetônica, a qual possibilita a construção de sua identidade a partir de um permanente diálogo com o outro – diálogo esse que ocorre por intermédio da linguagem (Bakhtin, 2010c). Tal concepção propõe, assim, “[...] um sujeito que, sendo um *eu para-si*, condição de formação da identidade subjetiva, é também, um *eu-para-o-outro*, condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável/responsivo que lhe dá sentido: só me torno eu entre outros eus” (Sobral, 2009, p. 123, grifo do autor), de modo que o sentido se estabelece mediante a diferença, isto é, a não coincidência com o outro e com o lugar que este ocupa. Tais asserções antecipam dois outros pilares da teoria de Bakhtin e do Círculo, que mais tarde adquirem, inclusive, papel de condição da linguagem e da própria existência do sujeito (Volóchinov, 2019): o dialogismo e a alteridade.

O dialogismo advém da noção de que a linguagem se estabelece a partir do diálogo, isto é, da interação entre sujeitos. Assim, todo enunciado consiste em um ponto de encontro de opiniões e visões de mundo, envolvendo no mínimo dois interlocutores. A alteridade, por sua vez, origina-se da percepção de que a existência do eu é possibilitada pela existência do outro. Conforme Bakhtin (2010a), a

constituição da identidade requer um reconhecimento de si pelo outro, posto que é impossível alguém defender sua posição sem correlacioná-la a outras posições.

Na abordagem bakhtiniana, o valor de um objeto é condicionado pelo lugar único que ocupa na arquitetônica concreta do evento, ou seja, pela perspectiva do lugar singular do sujeito participante. Por essa razão, conforme propõe Bakhtin (2010a, p. 119),

Expressões como “alto”, “baixo”, “abaixo”, “finalmente”, “tarde”, “ainda”, “já”, “é necessário”, “deve-se”, “mais além”, “mais próximo”, etc. não somente assumem o conteúdo-sentido no qual fazem pensar – isto é somente o conteúdo-sentido possível – mas adquirem um valor real, vivido, necessário e de peso, concretamente determinado a partir do lugar singular por mim ocupado na minha participação no existir-evento.

Tal percepção sobre a linguagem, que concebe alguns signos como especialmente valorados pelo ser – inicialmente similar ao que propunha Émile Benveniste com a categoria de dêiticos<sup>2</sup> –, posteriormente tem essa valoração especial, que depende do sujeito e do espaço-tempo de enunciação, estendida a todas as palavras: “Toda palavra, falada ou pensada, não é um simples ponto de vista, mas um ponto de vista *avaliador* [...] *uma mesma palavra*, quando dita por pessoas de diferentes classes refletirá também diferentes olhares, expressará diferentes pontos de vista, mostrará diferentes relações com a mesma realidade” (Volóchinov, 2019, p. 316, grifo do autor).

Assim, podemos afirmar que o enunciado consiste em uma escolha, na qual se reconhece determinado valor em determinado tempo-espaço, sempre pautada no diálogo com o outro, em resposta à arquitetônica da qual fazemos parte. Na percepção de Brandist (2004), por exemplo, o enunciado pode não se configurar como um ato de juízo estritamente concebido, mas constitui sempre um ato de juízo em um sentido mais amplo, já que percebe objetivamente os valores válidos em um evento. Como mencionam o próprio Bakhtin (2009, 2016) e outros integrantes do

<sup>2</sup> Benveniste (2006) define os dêiticos como signos vazios que ganham plenitude e significado apenas no ato de enunciação, quando são assumidos pelos indivíduos. Dessa forma, tais signos possuem natureza diferente da de outros signos, que são plenos. Os dêiticos, na proposição benvenistiana, seriam de três tipos: referentes às categorias de pessoa (eu, tu e ele), de espaço (aqui, lá etc.) e de tempo (ontem, hoje, amanhã etc.).

Círculo (Medviédev, 2012; Volóchinov, 2017, 2019) em suas produções ulteriores, a linguagem é condição *sine qua non* da existência humana, pois é ela que nos constitui enquanto sujeitos e é por seu intermédio que falamos e somos falados. Esse diálogo inconcluso que é a vida exige um posicionamento, um agir responsável, pois não há alibi para a existência, a não ser a morte (Bakhtin, 2010a, 2010b).

Somos, portanto, impelidos a participar desse diálogo, assumindo certas verdades e refutando outras, concordando, negando, pedindo, ordenando etc. Além disso, a linguagem permeia todas as esferas de nossa vida, a tal ponto que inclusive nossa consciência, da perspectiva de Bakhtin e do Círculo, depende da linguagem para formar-se e manifestar-se (Volóchinov, 2019), pois, ao mesmo tempo em que necessita do mundo para se constituir, constrói esse mundo, o que ocorre sempre a partir de dada posição do sujeito (Sobral, 2008b). O sujeito formulado pela teoria bakhtiniana é, portanto, constituído pelo outro e constituinte desse outro: toda interação figura de algum modo como um ato ético, provocando uma mudança, ainda que mínima, na estrutura do mundo (Bubnova, 2013).

Percebemos, assim, que o ser se constitui enquanto sujeito ao agir e que, do interior de sua participação, cada tempo e cada espaço adquirem uma consistência de ordem valorativa. Nesse sentido,

O princípio arquitetônico supremo do mundo real do ato é a contraposição concreta, arquitetonicamente válida, entre eu e o outro. A vida conhece dois centros de valores, diferentes por princípio, mas correlatos entre si: o eu e o outro, e em torno destes centros se distribuem e se dispõem todos os momentos concretos do existir. Um mesmo objeto, idêntico por conteúdo, é um momento do existir que apresenta um aspecto valorativo diferente, quando correlacionado comigo ou com o outro; e o mundo inteiro, conteudisticamente uno, correlacionado comigo e com o outro, é permeado de um tom emotivo-volitivo diferente (Bakhtin, 2010a, p. 142).

Portanto, a singularidade emotivo-volitiva do sujeito, ou seja, o fato de reconhecer a si mesmo como insubstituível e valorar o mundo a partir desse lugar também único, é justamente o que inaugura um dever concreto, fazendo com que cada manifestação sua – sentimentos, desejos, estados de ânimo e pensamentos – seja transformada em um ato ativamente responsável, pautado em seus valores, os

quais se estabelecem a partir da relação com o outro (Bakhtin, 2010a). A singularidade é, desse modo, como menciona Amorim (2009), da ordem do dever – dever do sujeito de ocupar seu lugar único.

Diante disso, Bakhtin (2010a) afirma, então, que o dever concreto é um dever arquitetônico – já que se trata de realizar o próprio lugar único no evento também único do existir – e que esse dever, situado no âmbito da ética, é determinado antes de tudo como oposição valorativa entre o eu e o outro. Isso significa que existem dois centros de valores – o que pertence ao eu e o que pertence ao outro – em torno dos quais a ação responsável se organiza. Como explicita Bubnova (2013, p. 11, grifo do autor), “Ao ato ético é inerente um *dever ser*, intuitivo e internamente imperativo: uma espécie de saber, em qualquer circunstância, qual é a opção correta para atuar. Atuar eticamente é atuar para o outro”. Ademais, Bakhtin (2010a) esclarece que tal oposição se completa em cada ato moral, mas que a ética teórica não possui uma forma adequada para expressá-la, motivo pelo qual seu intento consiste em descrever a concreta inter-relação arquitetônica, o que até então não havia sido feito cientificamente a partir de uma reflexão minuciosa.

## Considerações finais

Notamos, a partir do exposto, que *Para uma filosofia do ato responsável* instaura uma relação estreita entre singularidade, tom emotivo-volitivo (o qual é expresso por meio da linguagem) e dever. Tais conceitos, acreditamos, continuam integrando as obras futuras de Bakhtin e do seu Círculo, ainda que sob outras denominações. Observamos, dessa maneira, alguns elementos que trazem à tona questões profícuas de pesquisa, associadas, sobretudo, à relação entre esses conceitos e a linguagem.

Acreditamos, desse modo – diferentemente de Faraco (2010), que se inclina a crer que Bakhtin tenha abandonado seu projeto de uma filosofia moral por perceber que era impossível realizá-lo –, que esse projeto-guia se completa apenas quando e porque à linguagem é atribuída posição de relevo. É nesse momento que tal projeto se realiza, concedendo à linguagem uma dimensão ética. Assim, compreendemos

que as obras posteriores de Bakhtin e do Círculo se centram na linguagem e nos valores que esta expressa. É só nesse período subsequente que a linguagem parece ter seu papel definido nas obras desse pensadores: seja tratando da literatura, da cultura ou da relações languageiras de forma direta, a linguagem constitui parte obrigatória e crucial do pensamento proposto por Bakhtin e o Círculo, pois é por seu intermédio – já que a linguagem medeia todas as relações do ser humano com o mundo – que nos comunicamos, nos posicionamos e nos constituímos enquanto sujeitos.

Sob tal perspectiva, é nesse momento que Bakhtin e seu Círculo conseguem efetuar o estudo pretendido e expresso na obra primeira, pois percebem a linguagem como constituinte dessa forma de ação genuína, posto que ela permeia todos os atos e pensamentos humanos, mas, acima de tudo, nossa própria constituição enquanto sujeitos que percebem e avaliam o mundo e tudo que há nele a partir de determinado tom emotivo-volitivo, valorando e relacionando-se com o outro por meio da linguagem. Viver implica, assim, tomar posição a cada momento, assumindo para si determinados valores e negando outros, tomada de posição essa que sempre ocorre, segundo a percepção do Círculo e de Bakhtin, via linguagem. Entendemos, desse modo, que esta é parte crucial do dever concreto, do não álibi no existir e do agir responsabilmente a partir de um tempo-espaco único e singular, o que nos permite inferir a existência de uma estreita relação entre singularidade, ética e linguagem.

## Referências

AMORIM, Marília. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 17-43.

BAKHTIN, Mikhail. *O freudismo: um esboço crítico*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010a.

BAKHTIN, Mikhail. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b. p. 337-357.

BAKHTIN, Mikhail. A forma espacial da personagem. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010c. p. 21-90.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral II*. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

BRAIT, Beth. (org.). *Bakhtin*: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2009.

BRANDIST, Craig. Law and the genres of discourse: the Bakhtin Circle's. In: BOSTAD, Finn et al. *Bakhtinian perspectives on language and culture*. New York: Palgrave Macmillan, 2004. p. 23-45.

BUBNOVA, Tatiana. O princípio ético como fundamento do dialogismo em Mikhail Bakhtin. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 8, n. 10, p. 9-18, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55173>. Acesso em: 20 abr. 2024. DOI: <https://doi.org/10.22456/2594-8962.55173>.

DELANOY, Cláudio Primo; GONÇALVES, Tamiris Machado; BARBOSA, Vanessa Fonseca. Construção valorativa de fatos sociais: a multiplicidade de discursos. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 51, n. 1, p. 127-135, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/21689>. Acesso em: 19 abr. 2024. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2016.1.21689>.

FARACO, Carlos Alberto. Um posfácio meio impertinente. In: BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

FIORIN, José Luiz. Resenha de *Para uma filosofia do ato responsável*. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 205-209, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/4889>. Acesso em: 23 nov. 2023.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. 4. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2021.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários*: introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2012.

SOBRAL, Adail. O ato “responsável”, ou ato ético, em Bakhtin, e a centralidade do agente. *Signum*: Estudos Linguísticos, Londrina, n. 11/1, p. 219-235, 2008a. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3092>. Acesso em: 12 out. 2023. DOI: <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2008v11n1p219>.

SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin*: conceitos-chave. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 11-36.

SEIDEL, V. F.

*Para uma filosofia do ato responsável: considerações sobre singularidade, tom emotivo-volitivo e dever*

SOBRAL, Adail. O conceito de ato ético de Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito. *Bioethikos*, São Paulo, 2009, v. 3, n. 1, p. 121-126. Disponível em: <https://saocamilo-sp.br/assets/artigo/bioethikos/68/121a126.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2024.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. São Paulo: Editora 34, 2019.

*Recebido em: 04 mar. 2024.*

*Aprovado em: 20 abr. 2024.*

*Publicado em: 30 jun. 2024.*

*Revisores de língua portuguesa: Verônica Franciele Seidel e William Messias Pereira Secco*

*Revisores de língua inglesa: Angélica Beatriz Halcsik e Gabrieli Rombaldi*

*Revisores de língua espanhola: Paula Maria Salem Carpio; Beatriz Grenci e Laura Marques Sobrinho*

